

OLIMPÍADA E LEGADO

O engenho e a arte ajudaram, e o Brasil começou ganhando uma medalha de ouro no espetáculo da Abertura: as luzes, as cores, as danças da terra, a história da terra, a gente caldeada e seu talento – eu quero é ser feliz: a mensagem humanística traduzindo o sentimento brasileiro; todo este deslumbramento correu o mundo e fez lição.

Claro, para correr o mundo, correu muito dinheiro, hoje em tudo corre dinheiro, mas ficou bem clara uma voz brasileira a dizer que é mais importante cuidar do mundo, aceitar toda gente e buscar ser feliz com luz e samba.

A beleza induz o interesse maior, vamos ficar grudados na televisão, a ver, a admirar, a torcer, mesmo aqui em casa de velhos, onde quase não se liga este aparelho. Fui esportista, quem sabe até possa ver uma regata na Lagoa e reviver os meus tempos de Botafogo no Sacopã. Já vibrei com a bela vitória das moças no primeiro confronto do Brasil, mesmo ainda custando a crer que mulheres joguem bem futebol (ah, que velhice!),

Mas é um interesse de espectador de casa, que não vai aos estádios, não tem mais condição física, que pena. Lembro ainda bem da Copa de 50, a estréia do Maracanã: vi todos os jogos do Brasil, desde os calorosos cinco a zero na Espanha até a tristeza densa e imorredoura dos dois a um do Uruguai, a grande Celeste de Obdúlio Varela.

Bem, torço pela televisão e vivo a exaltação e a exultação de ter uma Olimpíada em minha cidade querida: quem diria?!

E fico a pensar no legado, a imagem do Rio, o amor ao Rio, a memória de toda esta vibração, e as marcas físicas que vão ficar. Eu ainda posso passear na tranquilidade, como pretendo, levar minha mulher na cadeira de rodas, percorrer a orla antiga, desde o porto, Praça Mauá, até a Praça Quinze, admirar, sorver a beleza da baía, almoçar um peixe com vinho branco no Albamar, lembrar-me do Raphael que gostava do lugar e garantiu o prédio e os garçons no meio do bota-abaixo do velho mercado. Fico projetando, visitar o Museu Histórico, a velha Catedral, o Paço Imperial, apreciar uma vez mais o chafariz do Mestre Valentim, o mesmo que abastecia as embarcações no Cais Pharoux até os primeiros anos do século XX. Quem sabe tomar uma barca e ir a Paquetá, oh, que bom, há quanto tempo.

Sonho; talvez até faça depois essas coisas, sou muito ligado nesta minha cidade e procuro aplicadamente aproveitar seus cenários benfazejos, tão acrescidos com este legado das Olimpíadas. Já me encantei com o parque de Madureira e com a reabertura do pequeno museu do Parque da Cidade.

Mas agora é hora de torcer, e acreditar: os atletas brasileiros conhecem muito bem o ar do Rio de Janeiro e vão se dar bem com ele. Parabéns uma vez mais aos artistas da festa da Abertura; especialmente os da iluminação que conseguiram um deslumbramento nunca visto aqui.

Cessa tudo o que a antiga musa canta, que o samba falou mais bonito que o capital, e o Brasil mostrou sabedoria e ainda vai ganhar muita medalha nesta Olimpíada!

Roberto Saturnino Braga

rsaturninobraga@gmail.com
www.saturninobraga.com.br